

As águas livres

Cadernos II

Teolinda Gersão

Da minha língua vê-se o mar.
Vergílio Ferreira

SEXTANTE EDITORA



Continuo a registar notas em pequenos cadernos. Como sempre fiz, ao longo dos anos. Datei-as e poderiam corresponder a um calendário, mas relendo-as apercebo-me da impossibilidade de arrumá-las. Apesar das datas resistem a qualquer ordem, insistem em continuar soltas. Posso começar a lê-las pelo fim ou pelo meio. Não existe a ponta do novelo. Ou fui eu que a deixei cair, e perdi-a.

Tudo remete sempre para outra coisa, vivemos simultaneamente em muitos tempos e lugares. E não sabemos quem somos. Seremos depois o caminho que fizermos, pensamos. Mas não há «depois». Só há caminhos no meio de outros caminhos, que nunca começam nem acabam.

Cada livro é sempre entre a razão e a loucura, a palavra e o silêncio. Um pouco mais (talvez devesse dizer

um pouco menos) de desespero e seria simplesmente a página vazia.

Suspendo-me frequentemente a meio da escrita, interrompo, adio, porque não aguento a sua claridade. Recuo, demoro tempo, muito mais do que necessito, o que é outra forma de fuga.

E depois volto de novo, e recomeço.

A vida como um jogo de cartas, cujas regras ela desconhecia mas procurava desesperadamente entender. Como na infância olhava o avô a jogar póquer com um grupo de amigos e tentava descobrir como era o jogo, mas nenhum deles lhe dizia uma única palavra, continuavam mergulhados nas cartas como sonâmbulos ou bêbados. E era sempre de fora que ela olhava.

Na sapataria onde ela estava entrou uma família. Um casal jovem, com uma criança de cinco ou seis anos. Era para esta que procuravam sapatos, ou antes, a criança escolhia, apontava na montra, a empregada ia trazendo e a criança calçava-os, contente, batendo com os pés.

A mãe movia-se com grande dificuldade, apoiada em muletas. Era muito magra e tinha um ar frágil, como se estivesse à beira de se desmoronar. Trazia sapatos rasos

dourados, que pareciam chinelos, um casaco largo sobre um vestido direito, igualmente muito largo, que lembrava uma camisa de dormir. O pai era alto e bonito, de barba escura, olhos grandes detrás das lentes dos óculos, e um sorriso acolhedor e afável. Os três pareciam contentes como se a vida fosse uma festa, ou como se fosse uma festa o simples facto de estarem juntos. Saíram finalmente, a criança pulando com uma caixa de sapatos debaixo do braço, a mulher arrastando os pés muito devagar, apoiada nas muletas, com movimentos desconjuntados. O homem ia na frente mas voltava-se constantemente na sua direcção e sorria-lhe.

São *Cadernos* espelhados uns nos outros, de algum modo autónomos, embora estejam interligados. Vêm de vários tempos, circunstâncias e lugares, podem encaixar-se como matrioscas ou fugir em todas as direcções como fagulhas. Formarão, eventualmente, no fim, uma constelação? Não tenho nenhuma certeza.

Até porque nunca os poderei dar por terminados, serão sempre um contínuo interrompido, folhas de papel à solta, voando ao sabor do vento, que não me obedecem nem se deixam prender por mim. Pedacos de mundo em que tropeço como se tropeçasse em pedras, que não têm outro sentido para além de existirem, puro acontecer, em estado bruto.

*

E também os sonhos. O que me acontece, as coisas que procuro, os lugares por onde ando, quando deixo para trás o meu corpo adormecido.

Do Livro de sonhos:

«Ouço uma orquestra de que vejo com nitidez parte dos músicos, entre eles um saxofonista que toca a solo um tema ligeiro, *Auf Wiedersehen Berlin*. É uma música alegre, entre marcha e pasodoble, que tem alguma coisa de libertador e me arrebatava. A seguir sigo num barco, a uma velocidade vertiginosa, mas o barco não tem amurada nem limites, é como se estivesse sentada numa estrada e fosse projectada, juntamente com ela, a uma velocidade alucinante. Fecho os olhos e deixo-me ir, mas não há nenhum lugar onde agarrar-me e tenho medo de cair no mar.

Há depois um enorme navio afundado na Austrália. A parte que fica à superfície parece a espinha dorsal de um dinossáurio de ferro, deixou de haver praia no lugar onde ele se afundou e o mar está poluído, cor de barro. Além disso há uma parte do navio debaixo de água, que nunca será possível remover. Por isso a Austrália vai receber um subsídio, a fundo perdido, para tapar o navio afundado com uma grande caixa negra de cimento, que isolará a poluição. A caixa terá a aparência de um rochedo, para atenuar os danos na paisagem.

Algures, durante o sonho, sobressaem as palavras “a fundo perdido”. Desapareceu a ideia de subsídio, não sei se é o mar ou o navio que não tem fundo. Não sei se o sentido é: o fundo está perdido – e por isso a queda nunca

terá fim; ou: no fundo, tudo está perdido – e o que quer que se faça é apenas um remendo na paisagem.»

Sempre achei que os sonhos eram narrativas-limite, literatura em estado puro. Muito antes de saber do surrealismo e de ter lido Freud, Jung ou qualquer outro.

É talvez assim que todos caminhamos: entre o mundo onírico, onde aparentemente nada faz sentido, e o mundo não menos absurdo do que (nos) acontece.

Cores de tintas na paleta, no ateliê de G.: terra sombra, terra sombra queimada, terra sombra natural, ocre, terra verde, amarelo-nápoles, azul-turquesa, laranja, amarelo-índio, amarelo-cádmio, verde-cobalto, verde-sapo, terra verde, preto, branco. Não só as cores me deslumbraram sempre: também os seus nomes me deslumbram.

O fim do dia, no verão, é uma mistura de pássaros e luz.

Filmar a luz, até ela desaparecer. Filmá-la na terra, nas pedras das casas, dos palácios, das igrejas, nas folhas das árvores, no chão, nos barcos, no rio; filmar o voo dos

pássaros até deixarem de ser visíveis e a noite cobrir tudo. Procurar as luzes na noite, as pequenas luzes ao longe, na paisagem, e as luzes próximas, de néon, a luz psicadélica de bares e discotecas, rebentando em decibéis enlouquecidos. Corpos dançando debaixo de uma luz intermitente e bruta, uma luz audível, explodindo.

A liberdade de uma escrita solta, ao sabor do acaso. Sem outra função que não seja a de correr, porque, como a água, nasceu para correr. Mergulho as mãos na água e deixo-as muito tempo submersas. E depois retiro-as e olho-as assim brilhantes, reflectindo a luz.

Como se esse gesto de tocar, de experimentar a água, me acontecesse sempre pela primeira vez.

As águas livres. As palavras vêm ter comigo, tão carregadas de sentidos que resisto a seguir qualquer deles. Por agora só sei que será esse o nome de um *Caderno*. O segundo.

O primeiro, a que na altura não chamei *Caderno*, foi *Os guarda-chuvas cintilantes*. Dei-lhe como subtítulo *Diário*, o que provavelmente desconcertou os leitores. Na verdade é um diário heterodoxo, que quebra os dois pilares em que era suposto assentar, o eu e o tempo: o eu surge como um feixe de possibilidades e o tempo é arbitrário, recortado de um calendário impossível.

Mantenho a descrença na objectividade, e o mesmo desinteresse pela cronologia. Atraí-me uma espécie de

avesso das coisas, uma dimensão rebelde à tirania racional.

Houve quem, apesar de tudo, chamasse romance aos *Guarda-chuvas*. Julgo que poderia ser talvez um romance ao contrário, sem uma história dentro, embora muitas histórias possam assomar à superfície para logo desaparecerem, porque não quero contar nenhuma, e onde não há um narrador, mas apenas as sombras que ele deixa na parede.

Uma pequena vida de formiga, carreando palavras. Carregando palavras. É isso o que quero, não aspiro a mais.

Sei que o «eu» é um poço sem fundo, e que a escrita é a perseguição infinita de um objecto que fica sempre além do alcançável.

Definições de «eu»:

Poço sem fundo onde nunca se acaba de cair; sucessão de camadas de sentido, em torno de um núcleo vazio.

Tudo seria naturalmente mais fácil se não caminhassemos sozinhos. Mas cada um é único e segue sempre sozinho.

*